

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Ingrid Talita de Brito Prestes de Oliveira

REGISTRO FOTOGRÁFICO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:

buscando um olhar sensível para o que não se quer ver.

Porto Alegre

2º Semestre

2018

Ingrid Talita de Brito Prestes de Oliveira

REGISTRO FOTOGRÁFICO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:

buscando um olhar sensível para o que não se quer ver.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à comissão de graduação do curso de Pedagogia – licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera

Porto Alegre

2º Semestre

2018

*A fotografia é para mim uma escrita. É uma paixão, pois amo a luz, mas é também uma linguagem. Poderosíssima. Queria andar por todos os lugares onde minha curiosidade me levasse, onde a beleza me comovesse. Mas também por todos os lugares onde houvesse injustiça social, para melhor descrevê-la.
(Sebastião Salgado)*

Agradecimentos

Ao Espírito Santo de Deus, meu inspirador e consolador, que em todos os dias de minha vida me constrange com seu amor e misericórdia. Ensinando-me a amar o próximo e a ter esse olhar sensível para o que não se quer ver.

A minha mãe Beatriz e minha irmã Paula, as grandes mulheres da minha vida, que me incentivaram, com seus exemplos de vida, a continuar a caminhada e lutar pelos direitos das mulheres.

Ao meu irmão Felipe que me abraçou nos momentos mais difíceis.

Ao meu filho Joaquim e ao meu esposo Jones por me apoiar e por me incentivar com amor a continuar lutando e traçando meu caminho para um futuro melhor para todos.

Ao Ricardo e a Leila, meus cunhados, que cuidaram do meu filho para continuar estudando.

A Catiane e ao Everaldo, meus líderes, e a todo o grupo caseiro de minha igreja que com suas orações me mantiveram firme e forte a prosseguir na escrita deste trabalho.

A minha amiga Patrícia Machado pelo incentivo e por me fazer acreditar que poderia entrar na UFRGS.

Aos professores desta universidade que me ensinaram a amar a docência dentro e fora dos espaços escolares.

A todos os funcionários concursados e terceirizados que mantêm essa universidade para que todos nós possamos usufruir de um espaço melhor.

Ao Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação (DAFE) pela experiência de militância estudantil, por ter dando a oportunidade de contribuir para a melhoria do currículo da pedagogia, pela luta nos momentos de ameaça a Educação Pública, por momentos de resistência contra o fascismo em nosso país.

As minhas colegas da bolsa de extensão pela troca de conhecimentos e por me ensinar tanto, me inspirando a escrever este trabalho.

A minha coordenadora de extensão e orientadora deste trabalho por me ensinar a olhar e lutar pelos direitos das mulheres valorizando a extensão universitária. Essa mulher que lutou desde cedo contra o preconceito racial e de gênero. Para muitas mulheres é a resistência dentro e fora da universidade.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso buscou instigar uma reflexão sobre a valorização dos registros fotográficos realizados em oficinas de produção artesanal com mulheres em situação de prisão e outras vulnerabilidades, através da experiência de bolsistas-fotógrafas no programa de extensão *“Justiça com as próprias mãos”: manualidades e direitos humanos das mulheres*. As perguntas que *sulearam* esta pesquisa foram: De que forma a fotografia pode contribuir para a valorização da Extensão Universitária? Quais as contribuições desta experiência para despertar um olhar sensível nas bolsistas-fotógrafas, provocando reflexões? Realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo, na qual foram feitas entrevistas semiestruturadas com três bolsistas de extensão que tiveram a oportunidade de fotografar. Foram entrelaçadas reflexões partindo do pensamento de Paulo Freire (2015), de Roland Barthes (1984); de Sebastião Salgado (2014); de Susan Sontag (2003); e reflexões sobre os direitos humanos das mulheres, a partir de Maria Amélia de Almeida Teles (2006), entre outros. Foram destacados aspectos metodológicos, pedagógicos e políticos da fotografia na extensão universitária, partindo dos relatos das bolsistas e das fotos registradas em momentos de ação criadora com as mulheres. Sendo assim, a pesquisa teve por objetivo valorizar a extensão universitária através dos registros fotográficos pelo viés do olhar sensível das bolsistas e do empoderamento feminino. Durante a pesquisa foi ressaltada a importância de não somente divulgar, através de imagens, a ação criativa das mulheres com quem trabalhamos, mas envolvê-las no processo técnico da fotografia e retornar para as mulheres esses registros como forma de valorizar o seu fazer criativo. Intencionamos a valorização da extensão universitária e suas ações, através dos registros fotográficos e ratificamos o direito à Educação de qualidade para pessoas em situação de prisão e outras vulnerabilidades.

Palavras-chave: Fotografia. Extensão Universitária. Olhar Sensível. Leitura da imagem. Empoderamento Feminino.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Saberes – Acervo do Programa de Extensão	24
Figura 2 - Educação Popular: o desenrolar do conhecimento - Acervo do Programa de Extensão	25
Figura 3 - Ancestralidade feminina - Acervo do Programa de Extensão.....	26
Figura 4 - Mãos de Mulheres - Acervo do Programa de Extensão.....	26
Figura 5 - Enxergar sem grades - Acervo do Programa de Extensão.....	27
Figura 6 - Encara - Acervo do Programa de Extensão	29
Figura 7 - Representatividade - Acervo do Programa de Extensão	29
Figura 8 - Se divirta lutando - Acervo do Programa de Extensão	34
Figura 9 - Voa - Acervo do Programa de Extensão	35
Figura 10 - O olhar - Acervo do Programa de Extensão	36
Figura 11 - Contato entre dois universos que, mesmo com tantas coisas que divergem, se aproximam na hora de lutar com o machismo - Acervo do Programa de Extensão	38
Figura 12 - O saco de comentários desnecessários já está cheio - Acervo do Programa de Extensão	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 ENTRELACANDO OLHARES: aspectos metodológicos, pedagógicos e políticos da fotografia na extensão universitária.	10
3 IR ALÉM DAS LENTES DA CÂMERA: metodologia	17
4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	22
4.1 <i>Entrelaçando métodos ao fotografar</i>	22
4.2 <i>Sensibilidade ao fotografar como um fazer pedagógico</i>	24
4.3 <i>A Fotografia como ferramenta pedagógica: valorizando a Extensão Universitária</i>	27
4.4 <i>O ato político ao fotografar</i>	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
6. REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE I.....	44
APÊNDICE II.....	46
ANEXO I	47

1 INTRODUÇÃO

Iniciando os estudos em uma universidade pública sempre almejei participar de todas as oportunidades que me fossem ofertadas. Colocando em primeiro lugar o meu aprender, tinha em mente que estaria ali não somente para assimilar os conteúdos curriculares do curso de Pedagogia, precisava ir além. Ao longo da caminhada fui “aprendendo a aprender”, partindo dos ensinamentos e reflexões feitas durante minha jornada como aprendiz inspirando-me em Paulo Freire (1992, *apud* Zanetti, 2015, p. 185), pois “(...) ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho pelo qual nos propusemos a caminhar”.

No segundo ano da graduação tive a oportunidade de fazer parte do projeto de extensão “*Justiça com as próprias mãos*”:¹ *manualidades e direitos humanos das mulheres*, o qual oferta oficinas pedagógicas para mulheres em situação de prisão, em situação de rua e outros contextos de vulnerabilidade social. Em 2015, o projeto tornou-se um programa de extensão, garantindo a ampliação das atividades. Neste momento, tive a oportunidade de compreender o que é a extensão universitária. Através do programa de extensão, pude ver a amplitude da prática extensionista e o quanto podemos aprender ultrapassando os muros da universidade. A extensão envolve a pesquisa, o ensino e o exercício de empatia, pois quando escolhemos fazer parte dela, nos envolvemos e nos dedicamos para essa experiência. Assim como nos ensina Larrosa (2002, p. 21): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] A cada dia se passa muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. A extensão me transformou porque me aconteceu, porque me tocou profundamente ao ponto de querer compartilhar minha experiência com os demais colegas da Faculdade de Educação e lutar por sua valorização dentro e fora da universidade.

No ano de 2014, no segundo semestre em que estava estudando na universidade, através de uma disciplina chamada *Seminário Infâncias, Juventudes e Vida Adulta* fiz um trabalho sobre o fotógrafo Sebastião Salgado, o qual pude conhecer em uma conferência na UFRGS². Ao ver a paixão, a empatia e criticidade

¹ Coordenado pela Prof^a Aline Lemos da Cunha Della Libera.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

em suas fotos fui apaixonando-me pelo seu trabalho e me identifiquei com seu olhar sensível.

Ao entrar no programa de extensão, no ano de 2015, ousei colocar em prática minha paixão pela fotografia e unir as duas coisas que mais me tocaram nessa trajetória acadêmica: o olhar através da lente da câmera e poder valorizar a extensão com registros que compartilhassem sentimentos e sensações³.

A fotografia pode tocar as pessoas, o poder de falar várias línguas com o recorte de uma imagem e o mais fascinante: despertar diferentes interpretações. O próprio Sebastião Salgado salienta que a fotografia é mais que publicar imagens é também uma escrita que não precisa de tradução (SALGADO E FRANCO, 2014). Com esse propósito comecei a registrar, sempre que possível, as atividades e as mulheres com as quais coletivamente compartilhávamos conhecimentos.

No programa de extensão desenvolvi minha paixão pelas lentes e pela luz. Aproveitei uma oportunidade única de inserir a fotografia como registro e documento. Unir o registro fotográfico com o tema prisional foi uma excelente oportunidade de aprendizagem, apesar dos impedimentos para a entrada de equipamentos no presídio. Adentrando neste espaço fui observando corredores, salas, frases e, principalmente, as pessoas que ficavam em meio à escuridão úmida do local. Refletindo e entrelaçando meu olhar ao olhar de minhas colegas, pensamos em registrar, sempre que possível, nossas observações através da fotografia.

Organizamos, então, no prédio da Faculdade de Educação, no ano de 2015, uma oficina de fotografia, com perspectiva feminista, intitulada: *Mulheres e fotografia*. Fizemos uma intervenção, através do registro fotográfico, homenageando mulheres da história. Essa oficina nos deu uma noção do que poderíamos trabalhar o registro de imagens, dentro e fora do presídio. Para este momento, foram convidadas somente mulheres, profissionais da área da educação, agentes penitenciárias e estudantes da universidade.

O objetivo de registrar nossas atividades com a fotografia era justamente poder, neste trabalho, mostrar e tocar mais pessoas através desta linguagem,

³ A professora Aline Cunha realiza, com o grupo de bolsistas, um diálogo sobre a necessidade de que as formas de preservação das identidades das mulheres fotografadas, durante as atividades extensionistas, supere a pixelização e o uso de tarjas pretas em seus rostos. Parte deste debate foi apresentado no 3º Simpósio Sul da ABHR, no pôster intitulado *Com que olhar eu vejo? Reflexões sobre a fotografia e a extensão universitária* – apresentado pelas bolsistas Isabelle Ignácio da Silveira e Elizabeth Lettnin Thiel.

valorizar e proporcionar outros olhares sobre as mulheres presas, que passavam despercebidas pela sociedade. O mais importante: dando ênfase a este programa de extensão, que compartilha conhecimentos e manualidades⁴ através da articulação do conhecimento científico e popular.

Neste trabalho de conclusão de curso apresento o ato de fotografar na extensão universitária como um processo de aprender que envolve a possibilidade de uma leitura crítica sobre as imagens registradas. Como Tottini (2010):

A fotografia, assim, pode traduzir-se em uma arquitetura tensionada pelos sentidos traduzidos pela experiência de quem fotografa e no olhar que reverbera a imagem, produzindo-se na tensão entre o ato de fotografar, o fotografado e a fotografia. (p.5)

Buscamos ampliar a visibilidade sobre as atividades feitas com mulheres privadas de liberdade e o envolvimento com as temáticas sobre o encarceramento feminino. Para além da prisão, outras intervenções com mulheres também foram registradas. Trata-se de uma discussão sobre espaços negligenciados, que poucos querem ver. Instigo meu olhar e a reflexão acadêmica para a valorização do aprendizado em um programa de extensão promovido por uma universidade pública.

⁴ O programa de extensão inclui três projetos, nos quais são desenvolvidas as seguintes atividades: um curso rápido de produção de sabonetes artesanais com ervas medicinais e a realização de rodas de leitura - ambos ocorrem num presídio feminino gaúcho. Também é ofertado, anualmente, um Seminário de formação para servidoras da Superintendência dos Serviços Penitenciários e demais interessado na temática da Educação em Prisões. Além destas atividades, por meio do programa também foram realizadas oficinas, em 2015, com temáticas variadas.

2 ENTRELAÇANDO OLHARES: ASPECTOS METODOLÓGICOS, PEDAGÓGICOS E POLÍTICOS DA FOTOGRAFIA NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.

Neste capítulo serão apresentados os autores que possibilitaram entrelaçar o desenvolvimento deste trabalho. Para tanto, organizei-o em três tópicos que mediarão esta discussão: o aspecto metodológico do uso da fotografia na extensão universitária; a dimensão pedagógica do trabalho com fotografia e sua dimensão política, aprofundando a compreensão da escolha deste tema e enriquecendo com a discussão teórica, a busca de um olhar sensível ao fotografar.

O fotojornalista Sebastião Salgado relata, em sua biografia, o modo como registrou a imagem de uma tartaruga gigante na Ilha Galápagos.

Cada vez que me aproximava, a tartaruga se afastava. Ela não era rápida, mas eu não conseguia fotografá-la. Então refleti e pensei comigo: quando fotografo seres humanos, nunca chego de surpresa ou incógnito a um grupo, sempre me apresento. Depois me dirijo às pessoas, explico, converso e, aos poucos, nos conhecemos. (SALGADO e FRANQC, 2014, p.9)

Da mesma forma que Salgado fala de seu aprendizado ao se deparar com uma realidade sobre a qual não tinha experiência nós, do programa de extensão, pensamos e organizamos as oficinas pedagógicas na prisão e em outros, em campo desconhecido. Planejamos e organizamos modos de nos aproximarmos das mulheres, buscando uma relação recíproca e única com cada grupo. É com esse olhar que procurei registrar momentos dentro do programa, demonstrando a realidade que, naquele momento, avalei ser importante documentar.

Martins (2017, p. 102) menciona que “[...] não é o lado puramente físico do trabalho no laboratório que define o sentido da fotografia. O trabalho no laboratório seria impossível se o fotógrafo não fosse um intelectual, não dominasse um sistema de conhecimento”. Através da reflexão feita entre uma fotografia e outra, vinha à memória autores que ampliavam os sentidos para que aquele momento e ações fossem clicados. Ou seja, o conhecimento científico, através da experiência acadêmica, era entrelaçado ao olhar pessoal para cada cena, oficina ou lugar. Muitas vezes acabávamos esquecendo que estávamos em uma prisão, por exemplo, tamanho o envolvimento.

O interessante no programa é que participaram como bolsistas dos projetos que envolviam registros fotográficos, estudantes de vários cursos da universidade.

Assim, somavam-se realidades diferentes e conhecimentos científicos de diversas áreas, aprimorando o olhar ao fotografar. A prática extensionista baseava-se em estudar, pesquisar e procurar conhecer aquele contexto prisional, aproximando-nos de cada mulher, olhando no olho de cada uma. Estava em pauta, no caso da prisão, a garantia do direito à educação das mulheres, por meio da extensão universitária, compreendendo-as para além do crime. Este recorte de gênero baseou-se na perspectiva feminista de garantia dos direitos humanos das mulheres (TELES, 2006). O desafio de ofertar oficinas para mulheres em situação de prisão, em situação de rua e mulheres profissionais que trabalham com estes públicos todos os dias, gerou um complexo planejamento e o envolvimento de todos que participaram do programa.

Freire (2015, p. 281) nos alerta que “na verdade, nenhum pensador, como nenhum cientista, elaborou seu pensamento ou sistematizou seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado”. A fotografia oportunizou-me um olhar crítico e humanizado para as mulheres, proporcionando um aprendizado único. Passei a utilizar uma ferramenta pouco explorada no curso de Pedagogia. Sem a experiência extensionista, não seria possível me desafiar e me descobrir nesta prática de fotografar.

Cabe ressaltar, no entanto, que o uso da fotografia não é a substituição da escrita. Registrar momentos de construção do conhecimento que, na nossa experiência ocorria através da produção artesanal, não eximia a fala e os depoimentos de cada mulher que participava das oficinas.

Sontang (2003, p. 211) nos faz refletir quando salienta que “[...] o problema está nas fotos em si mesmas, e não na maneira ou no lugar onde estão expostas: o problema está no seu foco voltado para os destituídos de poder, reduzidos à impotência”. Com esta ideia, refletimos sobre nossa proposta de usar a fotografia para valorizar uma ação extensionista, em um programa voltado aos direitos humanos das mulheres. Focamos, portanto, na ação pedagógica com cada mulher envolvida, valorizando-as como sujeitos e provocando uma reflexão sobre estas pessoas e os espaços que o senso comum condena de antemão.

A fotografia pode ser entendida como um elemento de análise crítica, através dos olhos de quem a vê. A imagem pode chamar a atenção não só pelo registro em si, mas pelos detalhes que contém. Nem tudo salta aos olhos do espectador, pois isto vai depender de suas experiências e de sua visão de mundo. A função da

fotografia é instigar o leitor da imagem a pensar no que está representado ali, analisando-a de forma crítica e construtiva.

Barthes (1984, p. 47) explica essa análise com dois conceitos “[...] mesmo entre as que têm alguma existência a meus olhos, a maioria provoca em mim apenas um interesse geral e, se assim posso dizer, *polido*: nelas, nenhum *puctum*: agradam-me ou desagradam-me sem me pungir: estão investidas somente do *studium*”. Estes dois conceitos abordados, tornam-se importantes, o *Studium*⁵ e o *Puctum*⁶, para realizar a leitura da imagem. Nem todas as fotos vão nos tocar profundamente, mas poderão causar uma reflexão crítica se estivermos atentos aos detalhes.

Sempre haverá uma intenção do fotógrafo ao registrar uma imagem, um contexto ou pessoas, porque não existe neutralidade no ato de fotografar. Por essa razão a função de fotografar em um programa de extensão desperta a responsabilidade em cada registro fotográfico, pois quando clicamos alguma cena específica, a produzimos direcionando algo para o telespectador, ou seja, queremos expressar o que estamos vendo ou sentindo. Por essa percepção, consideramos a fotografia como ferramenta pedagógica neste trabalho, que instiga e provoca a reflexão voltada para mulheres em situação de prisão e em outras situações de vulnerabilidade social.

A importância de fotografar a ação pedagógica realizada através de oficinas de trabalhos manuais dentro de um programa de extensão é de suma relevância. É nesses momentos de prática e de diálogo que ocorrem trocas de saberes e criam-se laços afetivos e de aprendizagem para ambas as partes: bolsistas e mulheres participantes nas oficinas. Neste sentido, eternizar momentos marcantes que demonstram o ensinar e o aprender, em meio ao fazer criativo, tem um poder de transformar. Segundo Schnorr (2015, p.88), somos sujeitos “[...] de linguagem e esta é densa de significados político-culturais. No processo histórico, os seres humanos desenvolveram muitas formas de linguagem, elemento que humaniza, pois permite as relações entre seres humanos-mundo e seres humanos entre si”.

⁵ O *Studium* é a fotografia que vem informar e comunicar ao sujeito o observador - a fotografia como campo de estudo - aquilo que se apresenta naturalmente ao espírito.

⁶ O *Puctum* advém da própria imagem, tornando-a transparente ao olhar. Refere-se, como isso, a algo que cala e que fascina o corpo; é o campo do indivisível da imagem: aquilo que cala a alma do observador, porque o olhar não é capaz de capturar.

Schnorr (2015), citando a *Pedagogia do Oprimido*⁷, ressalta a ação pedagógica libertadora, que tem por base o diálogo e as relações, enfatizando a aprendizagem e a transformação humana por meio das trocas de saberes culturais e políticos. As fotos feitas no programa de extensão foram mais do que mostrar um lugar e pessoas, mas sim objetivaram destacar as relações e trocas feitas e provocadas pela ação extensionista. A ação extensionista não ocorreu somente entre as bolsistas e a professora coordenadora, se tornou, de fato, efetiva quando todos os sujeitos se entrelaçaram. Através da interação, das trocas de conhecimento e quando os corpos e ideias “saltaram”, percebendo-se sujeitos atuantes e capazes de intervir no mundo, sentindo-se ousados e criativos.

O olhar das bolsistas buscou superar uma visão ingênua e romântica. Buscar a valorização da ação extensionista, compartilhando fotos de mulheres em um momento criativo, utilizando-se de tarjas com partes do rosto de uma mulher símbolo da história para escondê-las, por exemplo, não é uma postura ingênua⁸. Buscamos externalizar nossas leituras e nos posicionarmos politicamente. Participar de um programa de extensão que se orienta por princípios dos direitos humanos das mulheres e com a perspectiva da educação popular, não é nada neutro. Busca uma prática instigante e transformadora.

As possibilidades que encontrei na prática de fotografar pessoas de grupos populares, provocaram-me a refletir sobre mim mesma, conhecer-me mais como sujeito aprendiz, capaz de pensar criticamente em cada ação pedagógica dentro desses espaços. Na experiência de estar com várias mulheres em tempos diferentes e em momentos diferentes, como na cadeia, cada dia havia uma surpresa. Essas peculiaridades da própria prisão nos instigava a ter uma postura diferenciada e flexível tornando cada momento único. Com a experiência de fotografar mulheres neste recorte, inspiro-me nas palavras de Bourdieu (2006, p.39):

A fotografia popular elimina o acidental ou o aspecto que, como imagem efêmera, dissolve o real, temporalizando-o. O “instantâneo”, a fotografia “tirada ao vivo” [...] opera um corte instantâneo no mundo visível e, ao petrificar o gesto humano, imobiliza um estado único da relação recíproca entre as coisas, e prende o olhar num momento imperceptível de uma trajetória nunca completa. (BOURDIEU, 2006, p.39)

⁷ Livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, que teve sua 1ª edição em 1970, em inglês, tendo sua 1ª edição brasileira em 1975.

⁸ Uma das fotos selecionadas para este TCC, apresentará esta prática.

Boa parte dos registros fotográficos que fizemos era espontânea, com o recorte de um momento que desejávamos dar ênfase ao rosto das mulheres e suas poses. Entre uma foto e outra fomos percebendo a naturalidade que sentimos ao fotografar e, ao mesmo tempo, a de quem está sendo fotografado também transparecia, pois a ação que realizavam no momento, o ato criativo, era tão envolvente que muitas das mulheres nem perceberam que foram clicadas e quando percebiam solicitavam ver a foto e ressaltavam sua expressão na imagem.

Durante a experiência como bolsista-fotógrafa (2016) realizamos, com as mulheres encarceradas, uma atividade em que montamos um estúdio com um painel de borboletas⁹ deixando à disposição das mulheres a possibilidade de enfeitar-se com uma peruca feita, também, com borboletas¹⁰. Registrávamos cada uma delas em grupo ou sozinhas. O objetivo foi fotografá-las instigando-as a expor sua beleza natural, deixando-as escolherem a “pose” que gostariam de fazer. Essas fotos foram feitas após um diálogo e atividades sobre os direitos das mulheres e a discussão sobre o empoderamento feminino, justamente com o objetivo de deixá-las mais à vontade na hora do registro. Antes de fotografar, sempre explicávamos e fazíamos combinações de como seriam feitas as fotos direcionadas e que ganhariam de presente uma das fotos como lembrança daquele momento. Weller e Bassalo (2011, p. 286) destacam que “a imagem, especialmente a fotografia, tem o poder de trazer de volta o ausente, o distante, de materializar aos olhos o que não está materialmente ao alcance das mãos”. Para aquelas mulheres, enxergarem-se em uma foto proporcionou momentos significativos e, de certa forma, causou uma transformação. No momento em que elas olharam suas fotos percebemos, como bolsistas, que puderam ver-se em um outro lugar. Disseram¹¹, que guardariam aquela lembrança para mostrar aos familiares e amigos como uma forma de compartilhar aquele momento com mais pessoas. Por essa razão, destaco a leitura da imagem como uma reafirmação do vivido juntamente com o aprendido. Torna-se a concretização do que gostaram de experienciar naquele momento, “mantendo o caráter de apropriação individual e coletiva” (WELLER E BASSALO, 2011, p. 286).

⁹ Oficina ofertada na primeira aula inaugural dentro Presídio Estadual Feminino Madre Pelettier no ano de 2016.

¹⁰ No decorrer deste trabalho, serão apresentadas fotografias com este cenário e com este adereço. A borboleta é um dos símbolos da luta pelo fim da violência contra as mulheres.

¹¹ No presídio não há espelhos, exceto no ambiente da escola. Ver-se em uma foto é muito significativo.

As imagens registradas foram tão importantes para as mulheres que participaram das ações, mesmo sendo em um determinado momento direcionado ou espontâneo entre uma oficina e outra, que a fotografia começou a se tornar fundamental para o programa de extensão¹². Acreditamos e defendemos que quem move a ação são as mulheres participantes. Começamos a perceber, ao longo de cada edição do programa de extensão, que a fotografia poderia ser mais do que somente documentar/registrar o ato criativo com mulheres, mas que essas imagens seriam relevantes como instrumento pedagógico, provocando reflexões sobre determinado grupo, no nosso caso, mulheres aprisionadas e em situação de vulnerabilidade social.

Começamos a nos questionar o verdadeiro motivo de estar fotografando e a importância da oportunidade de estar em um espaço, que somente na extensão nos foi ofertado, questionamos: como poderíamos compartilhar com colegas de outros cursos a importância do programa de extensão na universidade? Percebíamos o quanto essa ação estava causando transformação na vida acadêmica e, principalmente, na formação humana para bolsistas e mulheres participantes. Como poderíamos externar essas fotos sem subalternizar ou romantizar as mulheres, “santificando-as” ou “demonizando-as”? Como esta ação poderia ser eficaz para a promoção dos direitos humanos destas mulheres? Com discussões, leituras e contato com as próprias realidades na qual estivemos, começamos a perceber que as imagens não poderiam vir sozinhas. Era necessário que as narrativas das próprias mulheres e das bolsistas, que experienciaram cada momento, as acompanhassem, narrando-as de modo crítico, a fim de não debilitar a leitura da imagem e nem perder ou minimizar o que acreditamos e defendemos.

Não querendo minimizar e nem delimitar as imagens unicamente como documentos de investigação, reflito sobre duas falácias, propostas por Loizos (2008), sobre a leitura de imagem.

A primeira delas se refere a considerar que uma fotografia não mente, revela aquilo que foi registrado. A segunda se refere à afirmação de que a fotografia é unicamente acessível e opera transculturalmente. Quanto à primeira o autor recorda que impressões fotográficas podem ser alteradas por aerógrafos para retirada ou acréscimo de detalhes, ou superposição de negativos (que colocavam lado a lado pessoas que nunca haviam se

¹² Ao final de cada ano são escolhidas, dentre as fotos feitas, àquelas que irão compor uma Mostra Fotográfica intitulada “Mulheres, a prisão e a rua”. Em 2018, a Mostra também abordará a vivência na “casa”, pela realização de uma oficina de sabonetes artesanais com mulheres do Movimento Nacional de Luta pela Moradia.

encontrado), ao que acrescento o uso atualmente do *photoshop* amplamente utilizado para corrigir imperfeições nos sujeitos fotografados. Sobre a segunda falácia, demonstra que convenções visuais válidas em um contexto podem ser totalmente desconhecidas em outros, e ainda que existem variações perceptivas e de sentidos entre indivíduos, que alteram significativamente a leitura da imagem. (LOIZOS, 2008 *apud* WELLER, BASSALO, 2011, p. 290)

O posicionamento de compartilhar imagens registradas por bolsistas é justamente provocar, através destes recortes de momentos, uma reflexão de onde e de quem são essas pessoas fotografadas e as que fotografaram, na tentativa de chamar a atenção da sociedade para o fato de que todas essas mulheres são sujeitos de direitos e de conhecimento. Acreditamos que há possibilidades múltiplas ao se trabalhar em espaços como estes, em uma ação transformadora que a extensão universitária nos convida a viver.

3 IR ALÉM DAS LENTES DA CÂMERA: METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, surgiu a partir do desejo de compartilhar minha experiência como bolsista-fotógrafa durante minha atuação no programa de extensão: *“Justiça com as próprias mãos”: manualidades e direitos humanos das mulheres*. Ao longo do processo, fui-me despertando a paixão em fotografar a ação do ato criativo, com um olhar sensível, em atividades com mulheres em situação de prisão e outras vulnerabilidades. Com essa finalidade, realizei esta pesquisa, cunhada a partir da valorização da extensão universitária e das mulheres que fazem este programa acontecer há várias edições.

O propósito desta pesquisa vem ao encontro do que já foi mencionado anteriormente, com relação aos registros fotográficos de um programa de extensão. Trago e problematizo, juntamente com relatos e fotos escolhidas não só por mim, mas por colegas que também foram bolsistas-fotógrafas, a importância de expor esses registros de uma maneira que provoque e instigue a reflexão de quem lê a imagem que está exposta.

Na composição deste trabalho de conclusão de curso, apresento as fotografias escolhidas pelas bolsistas, a fim de aprimorar a compreensão sobre o efeito que uma fotografia pode despertar em quem olha, entrelaçando os relatos de experiência e a vivência acadêmica, por meio da troca de saberes entre mulheres.

A reflexão antes, durante e depois de fotografar faz parte de um processo, que compõe um fazer pedagógico. Isto nos proporciona olhar para o todo e não somente uma visão fragmentada do momento registrado, apesar da imagem mostrar somente um recorte da realidade. O objetivo de trazer essas fotografias para este trabalho é justamente valorizá-los, entrelaçando com os relatos de experiência das estudantes de graduação que participaram deste processo.

A relevância deste estudo para a educação é mais do que somente compartilhar experiências, é também dar ênfase a uma prática extensionista que abarca espaços onde a futura(o) pedagoga(o) poderá atuar, na educação escolar ou não-escolar. Por meio desta pesquisa, apresentamos os desafios de estar em uma prisão feminina, na própria universidade ou em outros espaços onde é possível ensinar e aprender. No caso de um programa de extensão que discute os direitos humanos das mulheres e valoriza os conhecimentos populares (por meio de um

projeto que envolve o trabalho artesanal na confecção de sabonetes com ervas medicinais) problematizamos, por meio das fotografias, os espaços e as vivências das pessoas que os ocupam, buscando que sejam percebidos de outra forma, para além do senso comum.

Ao pesquisar sobre o tema escolhido, deparei-me com a primeira dificuldade, a qual me encorajou a realizar a escrita deste trabalho: não foi localizado nenhum trabalho de conclusão de curso, na Faculdade de Educação, que tratasse ou mencionasse a fotografia como registro na ação extensionista e, muito menos, tratando a imagem como ferramenta pedagógica. Partindo desta busca e não obtendo sucesso, iniciei minhas leituras sobre o tema e, através do diálogo com a orientadora, juntamente com a análise das fotos escolhidas, destaco três pontos que escolhi compartilhar: o aspecto metodológico do ato de fotografar, a dimensão pedagógica e a dimensão política desta prática. Ao longo do diálogo com os autores analisamos cada foto e refletimos sobre a fala das bolsistas.

Para aprimorar este trabalho, optei por realizar entrevistas. Ludke (1986) considera que, por meio delas, se pode criar uma interação havendo uma relação de trocas entre quem faz as perguntas com quem responde deixando a vontade quem está compartilhando suas experiências. Foi com essa intenção de aflorar a sensibilidade, a emoção, a reflexão que foi realizado este diálogo. Busquei, igualmente, desafiar a formação acadêmica de ensinar e aprender, sendo recíproca essa troca, por meio dos registros fotográficos e dos depoimentos coletados. Com essa perspectiva, trago minhas inquietações e objetivos para este trabalho:

❖ **Objetivo geral:**

Analisar registros fotográficos feitos por bolsistas de extensão durante a execução do programa de extensão “Justiça com as próprias mãos”: manualidades e direitos humanos das mulheres, dialogando sobre as dimensões metodológica, pedagógica e política do ato de fotografar.

Parti de alguns questionamentos:

De que forma a fotografia pode contribuir para a valorização da extensão universitária?

Quais as contribuições desta experiência para despertar um olhar sensível nas bolsistas-fotógrafas, provocando reflexões?

❖ Objetivos específicos:

- Instigar a leitura crítica da imagem e da experiência extensionista valorizando-a como ferramenta pedagógica na extensão universitária.
- Enfatizar a importância da experiência extensionista para a formação acadêmica.
- Valorizar a fotografia como registro e ferramenta pedagógica na extensão universitária, no campo da educação.

Foram escolhidas, para esta pesquisa, três estudantes que participaram ou ainda participam do programa de extensão, como bolsistas-fotógrafas. Foi solicitado que as participantes escolhessem três fotografias que mais lhe chamaram a atenção, já indicando o interesse de analisar as fotografias em suas múltiplas dimensões.

Duas das entrevistas foram feitas por meio do aplicativo *Whatsapp*, por solicitação das entrevistadas. As respostas foram registradas em áudio para melhor captar os sentimentos e emoções ao responder. A terceira entrevista foi realizada presencialmente, no espaço da Faculdade de Educação, com o suporte da gravação de voz. Todas as entrevistadas, durante o diálogo, puderam rever as fotos escolhidas para melhor análise e explicação da escolha de cada uma.

Para sigilo das entrevistadas que participaram desta pesquisa, foram escolhidos, por mim, nomes de mulheres que fizeram parte da minha vida. *Maria*, a fim de homenagear todas as mulheres que trabalharam conosco; o segundo, em si, corresponde às mulheres que integram minha família.

Maria Beatriz foi uma das primeiras bolsistas a planejar a oficina *Fotografia e Mulheres*, no ano de 2015, juntamente comigo. Não realizou esta proposta no presídio, pois saiu do programa antes de nossa entrada. Ingressou na UFRGS no curso de Pedagogia, mas atualmente cursa Educação Física. Participou do programa durante dois semestres (2015/1 - 2015/2). Fez um curso de fotografia na universidade.

Maria Carolina ingressou no programa de extensão no ano de 2016 e cursava Design - Habilitação Design Visual. Ao se apaixonar pela ação de extensão e por um

dos projetos que a integram¹³, decidiu cursar Letras. Participa do programa desde 2016/2 e não tem formação em fotografia.

Maria Paula entrou no programa no ano de 2017/2. Cursa Ciências Sociais na UFRGS. Não tem formação em fotografia, mas atua como fotógrafa *freelancer*.

Todas as entrevistadas foram informadas dos objetivos deste trabalho de conclusão de curso. Foi entregue, lido e assinado por elas, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A).

Realizar essa pesquisa foi instigante e fez com que fosse reavivado o desejo de continuar lutando para que se valorize, para além dos registros fotográficos, os conhecimentos populares que envolvem a extensão como um todo. Por ter vivido essa experiência e ter agregado esse olhar ao programa, fui motivada a realizar a escrita deste trabalho, tendo a compreensão e o dever de retribuir à sociedade o que aprendi nesta universidade pública. A extensão proporciona mais do que compartilhar saberes populares, entrelaçados com saberes científicos, ela possibilita transcender a experiência de uma forma única e transformadora.

Nos tempos difíceis que temos vivenciado nos últimos anos, considerando a conjuntura política de nosso país, é imprescindível defender o tripé da universidade, em meio à retirada de direitos. Neste ponto, temos visto que a educação já passou e passará por inúmeros cortes¹⁴.

Por esse motivo enfatizo, de acordo com Schnorr (2015, p.86), a necessidade de ações extensionistas que superem “[...] uma concepção de sujeitos ‘vazios’, à espera de serem preenchidos com o conhecimento. Este, o conhecimento, permeia todas as relações humanas e o papel da educação é explicitar a importância deste conhecimento no que fazer histórico.”

Foi desta forma que aprendi e vivenciei a experiência extensionista na universidade, em cada aula vivida dentro do *prédio azul*¹⁵. Isto também ocorreu em cada diálogo e reflexão durante as oficinas que ofertávamos dentro e fora do presídio. Foi com esta compreensão da Educação que caminhei em minha formação acadêmica, buscando e preservando o diálogo, a experiência de cada sujeito para,

¹³ Uma das ações do Programa é o Projeto *Rodas de Leitura com Mulheres*. Esta ação é coordenada pela Professora Ana Cláudia Ferreira Godinho.

¹⁴ Importante destacar este momento e a Emenda Constitucional 95 que congela, por 20 anos, os investimentos em Educação.

¹⁵ Nomenclatura mencionada pelo Prof. Paulo Peixoto Albuquerque em suas aulas na Faculdade de Educação.

assim, contribuir para a formação de sujeitos com senso crítico e convidados a expressar sua *leitura de mundo*, como salientou Paulo Freire.

4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para melhor compreensão e análise das entrevistas coletadas fazendo uma costura com as imagens selecionadas e a teoria estudada, este capítulo foi organizado em quatro subtítulos. O primeiro trata de como se deu a organização metodológica no ato de fotografar. O segundo aponta como, através das oficinas e registros fotográficos, realizamos um trabalho pedagógico. No terceiro, discutimos a fotografia como ferramenta pedagógica na valorização da extensão universitária. No quarto e último, partindo dos anteriores, entrelaça-se nossa visão de mundo e o que adotamos como princípios *suleadores* quando víamos através das lentes: a dimensão política. As fotos selecionadas e aqui apresentadas, foram obtidas por meio de oficinas realizadas com mulheres em um presídio feminino, num assentamento urbano e na universidade.

4.1 ENTRELAÇANDO MÉTODOS AO FOTOGRAFAR

Maria Carolina se deparou com um primeiro desafio metodológico, permitindo-se questionar: como organizar e planejar as oficinas de fotografias dentro do presídio? Percebeu, naquele momento, que conhecer os espaços e os sujeitos, antes de realizar qualquer tipo de atividade, era de suma importância para uma possibilidade de trocas de saberes, atentando para o recorte de gênero. Reflete sobre a condição das mulheres que foram fotografadas e os espaços vivenciados durante a realização do programa de extensão.

São espaços diferentes, pois dentro da prisão a gente não conseguir mostrar. Não poder fotografar os rostos das mulheres e, no Assentamento, a gente poder pelas questões burocráticas, enfim. Parece que nas fotografias dentro do presídio, as mulheres são muito mais despersonalizadas, porque a gente sempre tem que fotografar ou o espaço ou somente as mãos, ou elas de costas. (MARIA CAROLINA)

Maria Beatriz destacou a importância do *como*, relacionando-o ao ato de fotografar. Mencionou a relevância de se pensar a organização de um espaço onde os sujeitos que serão fotografados fiquem à vontade. Isto nos faz pensar sobre o planejamento dos momentos, das dinâmicas, relacionando-o às pessoas que

participarão. Além disto, nos fazer refletir sobre em quais períodos e com quais objetivos as intervenções serão realizadas.

Maria Beatriz referiu-se à atividade realizada em 2015, para nós bolsistas do programa e convidadas: estudantes e servidoras da Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE-RS). Relembrando do momento, ela menciona a importância de se sentir bem e à vontade no ato de fotografar.

Achei importante. Foi um momento voltado para mulheres, assim achei muito legal. Por ser um espaço de mulheres para mulheres e só isso mesmo, sem interferência de fora.
(MARIA BEATRIZ)

Maria Paula também destaca a importância de se pensar e organizar o espaço adotado ao fotografar, mas mostrou que essa experiência também a fez refletir sobre como podemos nos revelar como sujeitos, quando estamos nos sentindo parte daquele processo. Remete ao momento em que as mulheres, se sentiram valorizadas.

A foto das borboletas, por exemplo, ela mostra uma animação, uma felicidade que eu sinto que acontece bastante nas oficinas. E se redescobrir mulher assim de luta. (MARIA PAULA)

Por meio dos depoimentos, compreende-se que o ato de fotografar, para as bolsistas, foi além do que somente registrar um momento. Entende-se que o olhar e a postura do corpo nas imagens revelam a interação entre o grupo com o espaço, com a lente da câmera e, principalmente, com quem está registrando o momento. Essa relação revela e valoriza esses sujeitos. Nesta perspectiva, Bourdieu (2006, p. 34) ressalta que “o que é fotografado, e apreendido pelo leitor da fotografia, não são propriamente indivíduos na sua particularidade singular, mas sim papéis sociais [...] ou relações sociais”. As fotografias registradas nessas oficinas são importantes de serem pensadas, planejadas para que se compartilhe com cada mulher, ou grupo de mulheres, o poder, a força e a sensibilidade que cada uma tem dentro de si. O reconhecimento anterior dos espaços e dos sujeitos que serão fotografados, a relevância de gerar um momento acolhedor para todas as envolvidas, além da possibilidade de fazer transparecer sentimentos, emoções, para além da fotografia em si, foram os principais destaques deste ponto do diálogo com as bolsistas-fotógrafas.

4.2 SENSIBILIDADE AO FOTOGRAFAR COMO UM FAZER PEDAGÓGICO

Ao questionar sobre a escolha das fotos foi surgindo, nas respostas, a importância dos conhecimentos populares entrelaçados aos conhecimentos científicos. Em duas entrevistas, e em minhas próprias escolhas, emergiu a relevância da Educação Popular como base do programa de extensão.

Compartilhar os conhecimentos valorizando cada detalhe é respeitar os saberes que cada sujeito traz consigo. Em cada oficina sempre surgiam, ao longo das conversas ou inferências provocadas pelas bolsistas, os conhecimentos populares que cada mulher trazia em sua memória e esses conhecimentos foram registrados nas fotos que escolheram. Todas as entrevistadas abordaram o conhecimento popular, como mote na escolha de suas fotos e o enfatizaram em suas falas.

Maria Paula optou por essa foto e escolheu a seguinte legenda “Saberes”. Na foto, a frase foi escrita por uma das detentas que participou da Aula Inaugural no presídio feminino: *“Adoro tomar esse chá de cidreira que me deixa bem calminha”*.



Figura 1 - Saberes – Acervo do Programa de Extensão

A segunda do chá, traz todo esse conhecimento ancestral que a gente prega bastante.
(MARIA PAULA)

Quando questionada sobre a escolha desta foto, a entrevistada aborda a valorização dos conhecimentos ancestrais que ela percebeu nas falas das mulheres em diferentes espaços.

A foto escolhida por mim, também trouxe a valorização desta ancestralidade proporcionada por meio dos princípios da Educação Popular. Adotei a legenda “*Educação Popular: o desenrolar do conhecimento*”, para esta foto que também foi registrada no presídio feminino, na Aula Inaugural já referida.



Figura 2 - Educação Popular: o desenrolar do conhecimento - Acervo do Programa de Extensão

Maria Carolina trouxe na sua fala e na foto escolhida, o recorte de gênero. Abordou, para justificar a escolha da foto, aquilo que é compartilhado de geração em geração, salientando uma possibilidade de legado das mulheres.

Por tudo que a gente trabalhou nas oficinas de produção de sabonetes, principalmente desses conhecimentos ancestrais das mulheres que são sempre trazidos pela figura materna ou pela vó. Eu achei muito simbólico isso que é a mãe fazendo sabonete junto com a filha. Porque parece muito que ela, na foto, está passando os conhecimentos. (MARIA CAROLINA)

Maria Carolina escolheu as seguintes legendas, atribuindo significados às imagens: “*Ancestralidade feminina*” na figura 3 e “*Mãos de Mulheres*” na figura 4.



Figura 3 - Ancestralidade feminina - Acervo do Programa de Extensão



Figura 4 - Mãos de Mulheres - Acervo do Programa de Extensão

Nesta etapa do diálogo, pensando no fazer pedagógico proporcionado pelo ato de fotografar, as bolsistas-fotógrafas salientaram, em síntese, a relevância dos

saberes populares que circularam nos grupos e do seu registro, destacando a possibilidade de compreender a potência da partilha de conhecimentos entre as mulheres.

4.3 A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: VALORIZANDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Ao mesmo tempo em que os registros fotográficos aqui escolhidos, buscaram provocar uma reflexão e a valorização da fotografia na experiência extensionista como ferramenta pedagógica que ultrapassa as barreiras da universidade, também pretendíamos chamar a atenção para a própria extensão universitária. Olhando-a e valorizado-a, por completo, dando significado às imagens e as pessoas retratadas em cada uma delas.

Maria Carolina explica como as imagens são pensadas, por ela, como processo pedagógico.



Figura 5 - Enxergar sem grades - Acervo do Programa de Extensão

A entrevistada traz um questionamento importante: a foto do salão sem as grades não levantaria uma reflexão, pois para quem visse a imagem, poderia não ficar evidente que se trata de um salão de beleza no interior de um presídio.

Por exemplo, aqui, talvez, para as mulheres que estão dentro do presídio é só um salão de beleza, mas a partir do momento que a gente retrata um salão de beleza com grades na frente, a gente já induz a um pensamento: “Pô, porque a gente enxerga esse salão...” A gente não consegue enxergar ele? A gente consegue? Quando a gente já direciona a nossa visão a gente já tem um questionamento por traz. A gente já tem uma visão do que a gente quer desdobrar pra nós mesmos, mas também uma discussão com as meninas que fazem as oficinas com a gente.
(MARIA CAROLINA)

Questionando sobre a escolha da legenda Maria Carolina salienta:

*A do salão de beleza: Enxergar através das grades.
Porque... ou talvez, **Enxergar sem grades**. Porque tipo: a gente vê essa foto, por mais que tenham grades na frente, a gente ainda identifica que é um salão de beleza.
Então porque que com o ambiente, mesmo tendo grades na frente a gente consegue fazer isso e com pessoas com grades na frente a gente não consegue ver sem? (MARIA CAROLINA, grifo meu).*

Sontag (2003, p. 228) salienta que “a função ilustrativa das fotos deixa intactos opiniões, preconceitos, fantasias e informações erradas”. Com a finalidade de divulgar e problematizar essas fotos é que analisamos as imagens registradas no programa de extensão como ferramenta pedagógica, as quais buscam provocar, causar estranheza e instigar o pensar crítico de cada sujeito sobre o lugar ali retratado.

Maria Paula destaca seu ponto de vista em relação às fotos como ferramenta pedagógica e já sugerindo ideias para o futuro do programa.

Essa foi bem difícil de responder. Acho que como o Freire fala, e ele super norteia o nosso programa. Freire fala [que] tem muitas pedagogias, não é só uma. E elas todas estão alinhadas com alguma matriz ideológica. Penso que isso é nosso caso também: há uma ideologia forte em tudo que a gente faz, inclusive nas fotografias e pode ser sim um processo pedagógico. [...] Acho que especialmente se a oficina for em questão da troca de conhecimento, de ensinar as mulheres a fotografar, também, que isso acho que faltou, que deveria ter, mais experiências desse tipo. (MARIA PAULA)



Figura 6 - Encara - Acervo do Programa de Extensão



Figura 7 - Representatividade - Acervo do Programa de Extensão

Essas fotos (FIGURAS 6 e 7) e legendas foram escolhidas por mim como forma de representar o respeito e o compromisso com a luta para a garantia dos Direitos Humanos das Mulheres. Quando foi ofertada essa oficina na UFRGS, em 2015, a intenção de fotografar as mulheres com essas tarjas era, justamente, representar que há em cada uma de nós um pouco dessas mulheres que lutaram para que nós estivéssemos aqui hoje, tendo a liberdade de falar, de gritar quando não somos ouvidas e nem respeitadas. Essa oficina também me refez como mulher, como ser humano, me vi, me enxerguei fortemente vinculada a mulheres que escolhemos homenagear através dessas tarjas. Na figura 6, estão os olhos e a boca da cantora norte-americana Nina Simone. Já na figura 7, são os olhos de Patrícia Galvão, a Pagu.

Maria Carolina retrata a potência e a importância das fotografias para o registro do trabalho realizado no programa de extensão e para a sua divulgação, mas, também, para um retorno às mulheres participantes, além da superação da visão assistencialista que pode ser atribuída a um trabalho que envolve mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Eu acho que, principalmente, a gente mostrar como é feito o nosso trabalho e mostrar pro mundo as mulheres que trabalham com a gente e mostrar pra essas mulheres como elas são retratadas, também. Porque, por exemplo, tanto no ambiente prisional quanto em um assentamento, não são mulheres que são fotografadas o tempo todo ou vistas o tempo todo. E a gente direcionar o nosso olhar pra elas e retornar esse nosso olhar pra elas, eu acho muito importante. Não só na nossa relação com elas, mas com a relação com elas mesmas.
(MARIA CAROLINA)

Pra [...] [as pessoas] terem contato, poder enxergar como são essas mulheres, que tipo de atividades a gente faz lá? Que ambientes a gente trabalha? Como a gente trabalha? Quanto mais pessoas saibam disso, maior dimensão vai ter o nosso projeto. E, principalmente, aquilo que eu falei: a gente, através dessas fotografias conseguir estudar, conseguir produzir material acadêmico em cima disso.

Por exemplo, no ano passado eu e a Maria Paula fomos pro [...] [Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões] com o trabalho feito exclusivamente em cima das fotografias. Isso foi muito legal! Ver a fotografia como possibilidade de estudo [e] de conhecimento. (MARIA CAROLINA)

Principalmente quando a gente faz as exposições com essas fotos [..]. [...] Os que já conhecem [nosso trabalho] já terem aquela ideia muito abstrata do que a gente faz e de pensar “Nossa como vocês são boazinhas etc e tal”. De ver como a coisa funciona, de ver como que é não só como o presídio, mas um assentamento, uma EPA [Escola Porto Alegre], tudo isso. (MARIA CAROLINA)

Para Maria Carolina, a exposição dessas fotos traz valor ao trabalho que o programa de extensão realiza nesses espaços. Uma universidade pública como a UFRGS, abriga muito projetos extensionistas. Contudo, nem todos são divulgados e pouco se sabe sobre alguns deles. Sendo assim, podem não surtir o efeito que poderiam ter. A exposição da imagem, para esta bolsista, concretiza e visibiliza o que é realizado na extensão. Compartilhando um pouco das realidades vivenciadas, divulgar quem são esses sujeitos e o que fazem, torna-se uma tentativa de desconstruir um discurso preconceituoso que a sociedade ainda carrega.

Expandir para fora da universidade, compartilhar com outros em eventos e adotar a fotografia como documento de registro, inovando os métodos é, também, valorizar a extensão. Em tempo de grandes apelos visuais, se faz necessário ampliar o modo de divulgação dos trabalhos acadêmicos. Defendemos que a fotografia pode ser esta a ferramenta pedagógica.

Maria Beatriz expõe como a Extensão também lhe proporcionou um olhar diferenciado para a própria fotografia.

No momento que tu fotografa, tu tem que ter um..., tu exerce assim em ti, um olhar diferenciado e no momento que tu é fotografado tu tem que também tentar passar alguma mensagem. Então acho que isso é uma ferramenta pedagógica. (MARIA BEATRIZ)

Todas as bolsistas-fotógrafas, reconheceram a fotografia como uma ferramenta pedagógica. Salientaram que a sua exposição e a sua análise, pode contribuir para novos olhares sobre a atividade extensionista e sobre as próprias participantes.

4.4 O ATO POLÍTICO AO FOTOGRAFAR

Registrar momentos de criação, em espaços pouco acessados pelas estudantes universitárias com mulheres privadas de liberdade ou com àquelas que estão na luta pelo direito à moradia, por meio de um programa de extensão de uma universidade pública, implica em um posicionamento político. E esse posicionamento, caracteriza-se por valorizar a extensão, neste recorte de gênero baseado na Educação Popular, garantindo que a universidade pública dialogue com a sociedade sobre o que é aprendido dentro de seus muros. Sebastião Salgado destaca que:

Ao contrário do cinema e da televisão, a fotografia tem o poder de produzir imagens que não são planos contínuos, mas cortes de planos. São frações de segundos que contam histórias completas. Em minhas imagens, a vida de cada pessoa com quem cruzei é contada por seus olhos, suas expressões e por aquilo que ela está fazendo. (SALGADO E FRANCO, 2014, p. 48).

Ao longo do processo de fotografar fomos aprimorando o olhar de cada uma de nós. Fomos percebendo a responsabilidade de registrar esses espaços e as mulheres em suas ações nas oficinas de sabonetes artesanais e, também, nas oficinas de fotografias. Trata-se de contar, por meio de fotos, uma parte da história de vida desses.

A ética ao fotografar é indispensável e ultrapassa as simples formalidades. Nos anos em que participei do programa, fotografei várias mulheres, de várias idades e histórias de vida, com realidades diferentes. Por me deparar com esses contextos diversos, fui percebendo ao longo do processo, que fui aprimorando e “calibrando minhas lentes”¹⁶ a respeito dos sujeitos que estava fotografando. Como aparece nos depoimentos das bolsistas há espaços, como na prisão, em que não podíamos fotografar nada mais do que parte do corpo daquelas mulheres. Sabemos que devemos preservar a identidade daqueles sujeitos, mas considero que, para nós, foi além do cumprimento de uma ordenança da lei. Foi respeitá-las como sujeitos, respeitar seus tempos e saber ler seus corpos e interpretar seus olhares. Em poucos elementos, buscar dizer muito e o que era possível revelar. São

¹⁶ Fala dita em aula pelo Prof^o Paulo Peixoto Albuquerque

mulheres que trazem uma história que, aos poucos, em cada registro foi se revelando. Paulo Freire destaca que:

A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética, inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que se devemos lutar. (FREIRE, 2011, p. 17)

O autor nos chama atenção para que, nas relações entre seres humanos, a prática do respeito ao outro esteja viva em nosso fazer diário, um fazer ético.

[...] foi minha primeira experiência porque sempre foi um hobby pra mim.

Ah, e até uma coisa que eu não levava tanto a sério. E quando comecei a fotografar pra bolsa que começou a ter essa demanda de eu ter que tirar fotos e tal trabalhar em cima das fotos, selecionar, editar que eu comecei a ter um contato maior e principalmente ter mais responsabilidade em cima das fotos que eu tirava, né? (MARIA CAROLINA)

Quando questionado sobre a experiência de fotografar Maria Carolina ressaltou:

E quando a gente fotografava elas, quando os rostos apareciam: Meu, era muito legal! Porque, por exemplo, quando fazíamos atividades no Outubro Rosa que a gente fez a plaquinha do Outubro Rosa e tal [em 2017]... A gente tirava fotos que eram pra elas. Pra elas verem, pra elas terem de recordação. E essas fotos, sim, podiam aparecer os rostos delas, porque não seriam julgados pela mídia. Então é um tipo de fotografia completamente diferente. É uma fotografia única exclusivamente dedicada a quem está sendo fotografado, né?! (MARIA CAROLINA)

Maria Carolina ressalta a importância do retorno para as mulheres. Mostrar como as olhamos e as destacamos em nossos registros. Como nessa atividade do Outubro Rosa, citada por Maria Carolina, o retorno das fotos como presente objetivou eternizar o momento em que todas elas estiveram e se puseram a participar, valorizando a atuação de cada uma delas.

Maria Beatriz destacou, sobre a dimensão política do ato de fotografar, o primeiro ensaio fotográfico realizado com bolsistas e servidoras da SUSEPE-RS, na UFRGS. Esta oficina possibilitou as primeiras fotos do projeto *Fotografia e Mulheres*.

Escolhi porque passam uma mensagem mais forte e elas foram mais bem enquadradas ficaram fotos mais bonitas. Foram registradas em um evento que fizemos com ensaio das gurias do projeto. Foi meio que um teste que era pra ter feito com as detentas, porque era o planejado. Eu não fotografei no espaço prisional. Essas fotos ali são as que foram feitas na UFRGS. Então não sei como seria essa experiência [no presídio]. (MARIA BEATRIZ)

A legenda escolhida por Maria Beatriz trata da resistência e, ao mesmo tempo, sugere uma motivação para que continuemos lutando sem deixar de valorizar os momentos de alegria da vida.



Figura 8 - Se divirta lutando - Acervo do Programa de Extensão

Maria Paula quando também questionada sobre a experiência de fotografar, reporta-se à responsabilidade e à ética ao representar cada mulher.

*É muito louco!
É instigante, porque te apresenta desafios na forma de retratar e de capturar, principalmente as pessoas. Mas te faz pensar muito sobre como funciona representação de quem está lá dentro pra quem está lá fora. (MARIA PAULA)*



Figura 9 - Voa - Acervo do Programa de Extensão

Elas têm de fato uma carga política, ideológica bem forte e é muito lindo mesmo. Essas fotos eu achei interessantes. Elas de fato são melhores do programa. (MARIA PAULA)

Gosto muito dessa oficina da borboleta, do cabelo com borboletas, porque tem todo o significado da borboleta como o símbolo pelo fim da violência contra mulher. E ao mesmo tempo parece que ela está se libertando disso envolta por esse manto de borboletas. É muito bacana. Gosto muito delas. (MARIA PAULA)

Cabe salientar que nenhuma das fotos escolhidas por Maria Paula foram registradas por ela.¹⁷

Deste mesmo cenário de borboletas, trago uma foto que foi realizada no presídio feminino, na qual está em destaque o olhar de uma mulher (Figura 10).

¹⁷ Esta foto foi feita durante a primeira edição do Seminário de Formação Mulheres, a prisão e rua, realizado em 2016. Na fotografia está a servidora técnica Maria Conceição Fontoura, coordenadora adjunta de um dos projetos que integram o programa de extensão.



Figura 10 - O olhar - Acervo do Programa de Extensão

Susan Sontag faz uma crítica às fotos que são enganosas tentando enfeitar ou desviar a atenção do real tentando amenizar o que de fato aconteceu naquele momento.

As fotos que retratam sofrimento não deveriam ser belas, assim como as legendas não deveriam pregar moral. Desse ponto de vista, uma foto bela desvia a atenção do tema consternador e a dirige para o próprio veículo, comprometendo, portanto, o estatuto da foto como documento. (SONTAG, 2003, p. 207)

Com esta crítica de Sontag, consideramos significativo discutir sobre a intenção do programa de extensão e das fotografias que são feitas. Quando é realizada a divulgação das ações extensionista, dentro do programa, buscamos não romantizar a prisão ou qualquer outro espaço onde haja violações de direitos, mas dar ênfase a uma possibilidade de ação transformadora que a extensão proporciona a essas mulheres. Ao registrá-las em um espaço prisional ou em situação de vulnerabilidade social, com um registro sem rótulos, também intencionamos provocar outros olhares. Nas fotografias, para as mulheres apenas, há uma possibilidade de vivenciar, mesmo que brevemente, um outro lugar no ambiente prisional.

Temos consciência de que a realidade nas prisões e nos espaços de ocupação urbana não é assim todos os dias, mas apresentá-los, através desses registros fotográficos teve o objetivo de causar reflexões e a desconstrução das

concepções de senso comum, em que todas as mulheres que estão nestas situações são “coitadas”, que não tem sonhos e, muito menos, beleza exterior e interior.

Retratar esses momentos é, também, ressaltar o que estas práticas representam para a docência, para quem participa das oficinas e para quem oferta. É uma troca de aprendizagens constante.

Certamente, mais que outra arte, a Fotografia coloca uma presença imediata no mundo - uma co-presença; mas essa presença não é apenas de ordem política (“participar dos acontecimentos contemporâneos pela imagem”), ela é também de ordem metafísica. (BARTHES, 1984, p. 125)

Barthes nos lembra que quando vários olhares estão atentos a uma imagem haverá várias interpretações, investigações e é com esse propósito que compartilhamos as imagens do programa. O objetivo é provocar leitores a olhar e se questionar através das legendas e pessoas ali retratadas. Assim, juntos, através dos relatos das pessoas envolvidas buscar ir despertando o interesse em participar destes espaços e, também, repensar os seus julgamentos em relação àquelas pessoas.

Maria Paula relata bem suas ideias e objetivos em divulgar as fotografias do programa.

Porque a fotografia também tem isso de fazer que seja mais fácil de tu te imaginar lá ou de imaginar o que acontece, apesar de que nunca vai ser a mesma coisa. A fotografia é só um retrato de uma visão e sobre uma só coisa e pode ter várias visões diferentes, mas acho que ela pode trazer muita visibilidade para o programa de uma forma muito positiva. (MARIA PAULA)

Maria Paula expressa suas interpretações nas duas fotos escolhidas provocando uma reflexão partindo da escolha das legendas.



Figura 11 - Contato entre dois universos que, mesmo com tantas coisas que divergem, se aproximam na hora de lutar com o machismo - Acervo do Programa de Extensão



Figura 4 - O saco de comentários desnecessários já está cheio - Acervo do Programa de Extensão

São fotos bem provocativas as três [fotos que escolhi] tem uma coisa assim meio fora dos padrões: tem a S. e a L. se beijando. Acho legal porque parece uma afronta. (MARIA PAULA)

Ali quando tem a L. com o dizer em cima indo contra o dizer, né. Que é o que a gente faz na maioria do tempo é ir contra um monte de padrão que ficam impondo. Acho que tem esse valor político de ir contra os padrões. (MARIA PAULA)

Para Sontag (2003, p. 20), “as fotos traçam rotas de referência e servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que de um lema verbal”. Como o empoderamento feminino está nas pautas das oficinas, não seria possível excluir essas críticas à mídia e aos padrões, que promovem estereótipos de mulheres bonitas e ditos corpos perfeitos, além de padrões de moralidade e sexualidade.

Maria Paula também expressa a importância de se expor as fotos do programa como um ato político.

Eu acho que infelizmente ainda muito, de tudo no mundo assim, se dá importância a estética e a imagem. Então às vezes não basta somente falar sobre tudo o que a gente faz e proporciona, mas quando a gente tem um material bacana assim pra divulgar e pra trazer esse debate para as pessoas. (MARIA PAULA)

Maria Paula também destacou a relevância política da sua atuação no programa para o fortalecimento de seus vínculos com a universidade, entrelaçando sua formação acadêmica e a atuação no programa, com suas vivências anteriores.

É uma importância muito grande e foi uma das coisas que mais me motivou a continuar nas Ciências Sociais. O projeto em si e também a experiência de fotografar mesmo. Porque, pra mim, a fotografia sempre fez parte da minha vida e quando eu soube que eu poderia ter essa liberdade de levar essa parte da minha vida para a extensão pro meu trabalho que eu estava fazendo, que eu estava acreditando tanto, foi muito recompensador, assim. Apesar de eu ter fotografado poucas vezes lá, sempre foi muito bacana. (MARIA PAULA)

Com essa reflexão, partilho com Josso (2006, p. 376) a compreensão de que “revisitar sua história, juntamente com o que guia no momento presente, essa retrospectiva, para extrair o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos [...]”, foi apontado como relevante neste depoimento. Em muitas dessas oficinas pensei sobre como me constituí a mulher que sou hoje e quais motivações me fizeram chegar até aqui. Reflexões essas que creio que muitas mulheres que participaram dessas oficinas também podem ter feito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para este momento de considerações finais, resalto as perguntas que *sulearam* este trabalho:

De que forma a fotografia pode contribuir para a valorização da Extensão Universitária?

Quais as contribuições desta experiência para despertar um olhar sensível nas bolsistas-fotógrafas, provocando reflexões?

Com estes questionamentos busquei autores que contribuíssem para a reflexão sobre um olhar sensível no ato de fotografar, em meio a um programa de extensão universitária. Optei, então, por realizar entrevistas, pois somente com os registros fotográficos não alcançaria o mesmo impacto, pois não problematizaria, nem compartilharia com as colegas, as motivações, os pensares e as memórias sobre o planejamento das atividades, como um processo. A fotografia assumiu este lugar, de um processo sem pressa, respeitando cada sujeito participante em suas individualidades. Com as imagens, relatos e escolha das legendas, foi possível ampliar a compreensão sobre a prática extensionista.

Menciono, também, e destaco a importância da divulgação das ações de extensão, por meio da fotografia, inclusive para a permanência deste programa. Em nossas reflexões, concordamos com Onofre (2007, p.11) a qual destaca que:

Os problemas na área da Educação são complexos e não existem respostas imediatas ou soluções rápidas para eles, o que justifica a necessidade de estudos, reflexões e, especialmente, a formulação de projetos sociais e educacionais voltados para os *excluídos, os marginais, os insatisfeitos, os não-clientes, a maioria perdedora.* (ONOFRE, 2007, p.11)

Durante o desenvolver desta pesquisa e com os registros das entrevistas, foram ressaltadas a importância de não somente divulgar através de imagens a ação criativa das mulheres com quem trabalhamos, mas envolvê-las no processo técnico da fotografia e retornar para as mulheres esses registros como forma de valorizar o seu fazer criativo. A intenção deste trabalho foi valorizar a extensão e suas ações, através dos registros fotográficos, mas ao longo da pesquisa foi ficando notória a importância de retornar esses resultados das imagens para essas pessoas que conviveram conosco ao longo do processo de fotografar, como vimos em uma das falas das entrevistadas.

Os objetivos destacados nesta pesquisa foram alcançados. Buscamos apresentar os achados de forma sensível, respeitosa e crítica. Ao participar do programa de extensão, noto que tive uma formação diferenciada, pois durante a formação no Curso de Pedagogia não foram incentivados ou apresentados esses espaços, que problematizo neste trabalho de conclusão de curso, como a prisão, como lugar de atuação do pedagogo. A experiência extensionista e os seus desafios instigaram-me a refletir e atuar nestes lugares de forma transformadora, empoderando-me a usar a fotografia como ferramenta pedagógica e muito mais: a valorizar os profissionais dessas áreas que também são menosprezados sendo apresentados pelo senso comum e principalmente pela mídia. Saliento que, para minha formação como pedagoga, foi fundamental não somente a ação extensionista mas, também, para as costuras e amarrações feitas durante as aulas e diálogos feitos na Academia. Sendo assim, enfatizo a importância do tripé da Universidade para a formação dos profissionais, a fim de que se cumpra a responsabilidade do retorno para a sociedade que vivemos.

Senti-me diretamente vinculada à universidade, pois a extensão é um dos seus pilares. A extensão universitária me desafiou a atuar em espaços educativos, com pessoas que, conforme salientou Onofre, não compõem as elites brasileiras. Com essas ações foi possível apresentá-las como sujeitos de direitos e de aprendizagem. Além disso, a fotografia surgiu para visibilizar àquelas que integraram o programa: mulheres encarceradas, professoras universitárias, estudantes de graduação, servidoras da universidade e das instituições parceiras, registrando experiências e aprendizagens.

Inspiro-me, mais uma vez, no pensamento de Sebastião Salgado (2013, p.48) “hoje, quando olho pra trás, vejo uma harmonia entre o que sou, o que faço e de onde venho”. Com essa harmonia e paixão, finalizo este trabalho, promovendo a defesa da extensão universitária, da Educação Popular, do direito à Educação de qualidade para pessoas em situação de prisão e outras vulnerabilidades que são as primeiras, em situações de crise, a serem reprimidas e menosprezadas.

6. REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia / Roland Barthes:** tradução Julio Catañan Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre; BOURDIEU, Marie-Claire. O camponês e a fotografia. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba , n. 26, p. 31-39, June 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a04n26.pdf> Acesso em: 10 de novembro de 2018

FONTANARI, R. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. **Galáxia** (São Paulo), n.31, p. 144-155, abr.2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/22392/19084> Acesso em: 7 de novembro de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa** [online]. 2006, vol.. 32, n.2, pp. 373 - 383. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a12v32n2.pdf> Acesso em: 19 de novembro de 2018.

LARROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19,n2, p.04-27, jul./dez.2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo : EPU, 1986.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem** 2 ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

ONOFRE, Elenice Maria Cammarosaro. **Educação escolar entre as grades**. São Carlos: EdUFSCar. 2007.

SALGADO, Sebastião, FRANCO, Isabelle. **Sebastião Salgado: da minha terra à Terra – pela primeira vez, o maior fotógrafo do mundo conta sua história**. São Paulo: Paralela, 2014.

SCHNORR, Giselle Moura. Pedagogia do Oprimido. In.: SOUZA, Maria Inês. **Paulo Freire: Vida e obra**. 3ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2015. p. 66 – 93.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução Rubens Figueiredo. 1ª ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2003. Disponível em: <http://politicaedireito.org/br/wp-content/uploads/2017/02/Diante-da-Dor-dos-Outros-Susan-Sontag-1.pdf> Acesso em: 26 de outubro de 2018.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **O que são direitos humanos das mulheres?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

TITTONI, Jaqueline, OLIVEIRA, Renata Ghisleni de, SILVA, Paula Marques da, TANIKADO, Grace. A Fotografia na Pesquisa Acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades de conhecer. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 59-66, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/10467/12031> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

WELLER, Wivian, BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagens: documentos de visões de mundo. **Sociologia**, Porto Alegre, ano 13, nº 28, set./dez. 2011, p. 284-314. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/v13n28/10.pdf> Acesso em: 10 de novembro de 2018.

ZANETTI, Maria Aparecida. PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: reflexões sobre o reencontro da Pedagogia do Oprimido. In.: SOUZA, Maria Inês. **Paulo Freire: Vida e obra**. 3ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2015. p.183 – 202.

APÊNDICE I



**FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

LICENCIANDA: Ingrid Talita de Brito Prestes de Oliveira

PESQUISA: REGISTRO FOTOGRÁFICO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: buscando um olhar sensível para o que não se quer ver.

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade analisar registros fotográficos feitos por bolsistas durante a execução do Programa de Extensão “Justiça com as próprias mãos”: manualidades e direitos humanos das mulheres - 2016 - 2017. Esta pesquisa foi aprovada pela Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você participará de uma entrevista, com duração média de meia-hora. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados nesta pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com a Profa. Aline Lemos da Cunha Della Libera pelo fone (51) 3308-4130.

SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações básicas sobre registros fotográficos feitos por bolsistas de extensão, no programa de extensão supracitado. Os principais tópicos são: discussão metodológica, pedagógica e política do ato de fotografar.

RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução no 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado. Você pode escolher um nome fictício para identificar o seu depoimento: _____

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas estudantes do curso de Pedagogia.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante

RG

Assinatura do participante

Local e data

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A orientadora responsável por esta pesquisa é a Prof(a) Aline Lemos da Cunha Della Libera do Departamento de Estudos Especializados.

Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos telefones (51)3308-4130

Graduanda
Ingrid Talita de Brito Prestes de Oliveira

Orientadora
Aline Cunha

APÊNDICE II



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO
AUTORIZAÇÃO PARA O USO DE IMAGEM E
RESPECTIVA CESSÃO DE DIREITOS (Lei no 9.610/98)**

Pelo presente instrumento particular, eu, RG

_____,
_____, e CPF _____, residente e domiciliado (a) na Rua/Avenida _____, por intermédio deste documento e na melhor forma de direito, AUTORIZO, de forma gratuita e sem qualquer ônus, a graduanda Ingrid Talita de Brito Prestes de Oliveira a utilizar minhas imagens fotográficas e de trabalhos por mim desenvolvidos durante as oficinas das quais participei, para a escrita do seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por intermédio desta autorização, também faço a CESSÃO a título gratuito e sem qualquer ônus de todos os direitos relacionados à minha imagem fotográfica selecionada. A presente autorização e cessão são outorgadas livres e espontaneamente, em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título for, sendo que estas são firmadas em caráter irrevogável, irretratável, por prazo indeterminado, obrigando, inclusive, eventuais herdeiros e sucessores outorgantes.

Esta autorização está baseada na Lei Federal no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e, às cessões de uso de imagem, também se aplica o Código Civil (Lei Federal no 10.406, de 10 de janeiro de 2002), especialmente seus dispositivos sobre os Direitos de Personalidade.

Por ser de minha livre e espontânea vontade esta AUTORIZAÇÃO/CESSÃO, assino este documento em duas vias de igual teor.

A orientadora responsável por esta pesquisa é a Profª Aline Lemos da Cunha Della Libera do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 3308-4130.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Assinatura do participante

Local e data

Coordenador(a) da pesquisa

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTA

A entrevista se dividirá em três tópicos:

Destacar aspectos metodológicos, pedagógicos e políticos da fotografia na extensão universitária

1. Por que escolheste essas fotos?
2. Em que momentos foram registradas essas fotos e como eram esses momentos fotografados?
3. Se foi a primeira experiência... Como foi fotografar em um espaço prisional e em espaços de ocupação urbana?
4. Quais sentimentos tivestes ao fotografar? Ou a escolher essas fotos?
5. O que elas representam para você? Quais significados?
6. Que valor político/pedagógico/metodológico tu atribuis a estas fotografias?
7. Na tua opinião que potencialidades tem essas fotos?
8. Qual a importância dessa atividade para a tua formação como pessoa e como acadêmica?
9. Como essas fotografias podem contribuir para a valorização do programa de extensão?
10. Tens alguma formação em fotografia? Se sim, explicar qual formação. Cursos...

11. Como estas fotos poderiam ser uma ferramenta pedagógica desde o ato de fotografar até ficar pronta?
12. Que legenda tu darias para cada foto? E por quê?
13. As fotos escolhidas têm valor político, pedagógica ou emocional? **Pergunta complemento***